

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

CIÊNCIA E FANTASIA NA CULTURA PORTUGUESA DO PRIMEIRO  
RENASCIMENTO  
(Briefly notes on science and fantasy in the Portuguese First Renaissance)

MARISA DAS NEVES HENRIQUES (marisaneves.henriques@gmail.com )  
Centro de Literatura Portuguesa – Universidade de Coimbra

*Fantasia – Derivase do Grego Phantasia, que significa imaginação.  
He a segunda das potencias, que se atribuem à alma sensitiva, ou racional,  
que forma as imagens das cousas...*  
Raphael Bluteau<sup>1</sup>

RESUMO – Este artigo procura refletir sobre a coexistência de dois modos de conhecimento e de aproximação ao real na Baixa Idade Média – um de pendor racionalizante e científico e outro marcado ainda pela espiritualidade e pelos relatos fantásticos. Veremos, por isso, que Pseudo-Aristóteles, Plínio e Alberto Magno contribuem a par com os textos místicos e hagiográficos para uma determinada representação do mundo que as descobertas marítimas e o experientialismo questionam e reveem. Assim, a reconfiguração mental repercutir-se-á inevitavelmente na cientifização do léxico e numa nova definição do real.

PALAVRAS-CHAVE – ciência/religião, enciclopedismo medieval, léxico.

ABSTRACT – Much of the focus of this paper, therefore, is to analyze the influence of coexisting approaches to reality– scientific data, parascientific and imaginative elements – in the Late Middle Ages. *Auctoritates* such as Pseudo-Aristotle, Pliny and Albert the Great but also mystical and medieval hagiographical texts have shaped a scientific representation of the world that the Maritime Discoveries and the experientialism would call into question and re-evaluate. Thus, a mental reconfiguration leads both to the lexicon's scientification and renewal definition of reality.

KEYWORDS – science/religion, Medieval Encyclopedism, lexicon.

### NOVOS MUNDOS, LÍNGUA RENOVADA

A conquista de Ceuta, envolta em reticente prudência por D. João I,<sup>2</sup> dava início a um período de inigualável avanço no conhecimento dos contornos do mundo, dos últimos progressos em vários ramos do saber e da técnica, bem como no desvelar de recônditos segredos de uma insuspeitada humanidade, que punha em causa o que alguns homens, inevitavelmente centrados na sua condição, haviam pensado e dito.

---

<sup>1</sup> Bluteau 1713: 32.

<sup>2</sup> Zurara 1915: 31.

Esta gelosia aberta para o exterior repercutia-se no espírito dos homens cultos e no halo das suas livrarias privadas. Num ambiente paracientífico, movido pela curiosidade intelectual que ajuda a explicar a popularidade do *Secretum secretorum*,<sup>3</sup> mas que em pleno século XV não anula ainda o fascínio pelos bestiários, pelas lendas e vidas de santos, a língua portuguesa, apta para a construção de longos períodos em prosa, adquire novos termos e alarga os seus horizontes semânticos, exponencialmente aumentados com as Descobertas, que instigam ao alargamento lexical em áreas como a botânica, a náutica<sup>4</sup> ou a fauna e à renovação dos quadros do saber.<sup>5</sup> Hão de brotar, por isso, razões de sobra para a existência de uma rede tensional e dialógica entre “teoria /prática, doutrina / arte, ciência / arte”<sup>6</sup>, mito e esforço de apropriação do real.

É na sequência disso que em 1500 a carta de Pero Vaz de Caminha, da qual possuímos ainda hoje cópia, revela um narrador atento e maravilhado perante a novidade das gentes e da paisagem, pontuada de aves e cursos de água. Da mesma forma, encontram-se entre o *Esmeraldo de situ orbis*, o *Colóquio dos Simples e Drogas da Índia* e certos fragmentos da literatura de viagens (o *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*,<sup>7</sup> a *Peregrinação...*) e da historiografia exemplos auspiciosos de um novo horizonte linguístico e epistemológico. Na verdade, como ressalta Cerqueira Gonçalves, “é, no mundo da vida, onde a religião está presente, e não no da razão pura, que se enraíza o mundo da ciência”.<sup>8</sup>

Lida a partir da noção de experiência, geradora de uma teoria científico-filosófica emergente<sup>9</sup> ancorada no experiencialismo, esta época tem alguns antecedentes na baixa Idade Média,<sup>10</sup> que não só usa a carta-portulano e a toleta na arte de navegar, como problematiza com acutilância a origem do mundo e ensaia respostas sobre o cosmos nos tratados naturalistas e nos escritos de pendor racionalizante. Importa sublinhar que se viaja (não apenas simbolicamente através das navegações de S. Brandão) e se conhecem outras realidades, ainda que com menos frequência e em menor escala<sup>11</sup> que na epopeia marítima. Lembremos as aventuras de Marco Polo pela Ásia e, em sede lusíada, a proveitosa viagem do

---

<sup>3</sup> Pseudo-Aristóteles 1960.

<sup>4</sup> Barreto 2000: 94-95.

<sup>5</sup> Cf. Caeiro 1993: 37-42. Sobre a filosofia e as Descobertas, ver Calafate 2000: 33-45, e Barreto 2000: 89-115, que faz notar as fronteiras entre o Humanismo e a cultura de expansão, relacionando-os com a Escolástica.

<sup>6</sup> Barreto 2001: 30.

<sup>7</sup> Velho 1999: 128 e segs. É muito interessante ver a tentativa de construção de uma lista de palavras que coloca em paralelo termos e expressões da “linguagem de Calecut” e os vocábulos correspondentes em língua portuguesa.

<sup>8</sup> Gonçalves 2000: 5.

<sup>9</sup> Barreto 2000: 24.

<sup>10</sup> Albuquerque 1983, cap. I.

<sup>11</sup> Lopes 2006.

Infante D. Pedro por Inglaterra, França e Hungria, na sequência da qual escreve a célebre Carta de Bruges.

Presente-se já uma outra relação com a natureza<sup>12</sup> nos tratados de caça e gineta,<sup>13</sup> assim como a proliferação de títulos dedicados às artes e a questões de teor prático<sup>14</sup> indiciadora de uma atitude multidisciplinar e da partilha interreligiosa de conhecimentos.<sup>15</sup> No século XIII, a corte de Afonso X torna-se paradigmática a este nível, porque apoia incondicionalmente a astrologia, o direito e a medicina e encontra mecanismos de transmissão livresca a partir dos interesses pessoais do monarca. São títulos bem ilustrativos deste investimento nas ciências o *Lapidario*<sup>16</sup> e os chamados *Libros del saber de astronomia del rey D. Alfonso X de Castilla*.

Um retorno a esta época permitir-nos-á constatar que os sentidos em voga para percecionar a realidade e entendê-la se alteram com o passar do tempo, e que a fantasia pode ser um meio de conhecer, porque enquanto

“les sociétés traditionnelles du Moyen Age, vivaient sous le règne de la parole et de l’ouïe (qui entretient la tradition orale des contes, rumeurs et légendes), le monde moderne et post-moderne vit sous l’emprise permanente et aveuglante de l’image. Cette dernière a largement contribué à tuer la tradition orale et contribué en atrophiant notre culture auditive (qui sait encore reconnaître aujourd’hui les différents chants d’oiseaux alors que les hommes du Moyen Age ne les confondaient nullement?).”<sup>17</sup>

Independentemente do sentido privilegiado, a ignorância será sempre relativa, tal como dos escombros a partir dos quais se erige um conhecimento fragmentário se não de cavar de novo (e sempre) diques de incertezas e enigmas sem solução. No entanto, fixemo-nos, por ora, no século XV, cientes de que uma era importante se abre no domínio da imagem e da representação do mundo, seja através da cartografia, seja da literatura, da arte ou de renovados modelos antropológicos.

Paul Zumthor nos seus estudos da representação do espaço na Idade Média salientará a mudança decorrente da perceção da natureza como dom divino e da

---

<sup>12</sup> Martins 1957: 52-65.

<sup>13</sup> Destaca-se aqui também o forte pendor didático deste género. D. Duarte 1986: 45 estabelece como objetivo “ensynar a quem não sabe” e trazer em renembrancha” aos que já não têm a arte presente. Só através do “conhecymto da razom” se lida com o medo, só pela estrénuo vontade se pode atuar sobre a natureza humana: “cada hũu deve trabalhar per se conhecer, e no bem que naturalmente recebo se manter e acrecentar, e nos fallymentos emendar e correger.”

<sup>14</sup> Mattoso 2009.

<sup>15</sup> Ferre 2006: 47-73.

<sup>16</sup> Afonso X 1981.

<sup>17</sup> Walter 2013.

progressiva conquista humana do espaço, reveladora da vontade de “semiotizar el espacio y el tempo”.<sup>18</sup>

### SÉCULO XV: ENTRE A PENA E O ASTROLÁBIO

No período de Quatrocentos, o amor a Deus espreado por várias obras medievais em língua portuguesa quer originais, quer traduzidas, encerra num contexto secular em expansão um segundo aspeto digno de nota – a situação antropológica do homem, colocada em relação com categorias filosóficas como o tempo, o mundo e a morte, para além da perene questão da fragilidade humana. Um das primeiras consequências adveniente desta exigência reflexiva requerida à língua portuguesa vem a ser a constatação da necessidade de novas palavras ou de renovados sentidos para as já existentes, odisseia em o idioma luso tomou parte mesmo antes de se engalanar através das viagens ao Novo Mundo.

Entre a pena e o astrolábio (o mesmo será dizer entre a escrita aspergida de emotiva subjetividade e a medida rigorosa das distâncias através dos astros, numa relativização do infinito) o rei-filósofo e o piedoso D. Fernando (cognominado Infante Santo), ou o visionário Infante D. Henrique, interlocutor de André do Prado, há uma complementaridade de olhares, nutrida de diferenças ao nível dos livros consultados, dos interesses pessoais de cada um e das influências recebidas. Nesse sentido, no século XV a filosofia em Portugal sai do seu estádio de crisálida para encetar um trajeto de emancipação e amadurecimento que vai do seu uso rarefeito à identificação da filosofia com a antiga aceção monástica (*philosophia Christi*), passando pela redação de tratados de filosofia moral e política, onde a *res* filosófica se distancia de uma noção opaca e matizada com a sensibilidade cristã da patrística para se aproximar do espírito dos pensadores da Antiguidade clássica e dos seus herdeiros medievos, indo depois ao encontro das preocupações dos senhores laicos.<sup>19</sup>

Assim, os livros de índole religiosa, fundamentais na corte de Avis, não são vergôntees únicas nas estantes da sua biblioteca. D. Duarte possui, a par de obras místicas, devocionais e teológico-filosóficas, vários títulos<sup>20</sup> científicos ou de natureza técnica, alguns deles herdados do pai:

- *Livros d'Avicena*
- *Agricultura* que foy de João Pereira
- *Livro de Montaria* que copilou o victorioso Rey D. João

---

<sup>18</sup> Zumthor 1994: 32-33.

<sup>19</sup> Lagarde 1958: 23: “Par exemple, lorsque les théologiens retrouveront, dans le premier livre des *Politiques*, la comparaison de la société politique à un corps animé, cette note éveillera dans leur pensée une harmonique d'une tonalité beaucoup plus riche que la brève image aristotélécienne.”

<sup>20</sup> Cf. Nascimento 1993: 284-286.

- *Segredos de Aristoteles*
- *Livro de Cetraria, per castelão*
- *Livro da Lepra*
- *Livro de Cetraria que foy del-Rey D. João*
- *Agricultura que foy del-Rey D. João*
- *Livro de Montaria, per castelão*
- *Livro de Montaria*
- *Livro d'estrologia*
- *Outro d'astrologia*
- *Livro do cavalgar* que el-Rey D. Eduarte copilou.

Embora a reflexão que aqui se inicia seja aproximativa e despretensiosa, porque a informação fornecida pelo rol bibliográfico é fragmentária e pouco sistemática, deixando sempre incertezas, talvez valha a pena perceber que antecedentes mentais e gnosiológicos preparam a aventura marítima portuguesa e a conseqüente mudança de paradigma do período que Pedro Calafate sumariza no tópico *A filosofia Natural: Ciência e Experiência*.<sup>21</sup> Tendo nós a felicidade de possuir, no século XXI, alguns dos livros apresentados no espólio de D. Duarte e podendo ainda, em certos casos, cruzar a sua leitura com as marcas deixadas na prosa literária da Casa de Avis, avançaremos para a análise do binómio *ciência / fantasia* proposto no título deste artigo. Usado como sinónimo de conhecimento / saber livresco *lato sensu*, com morada laica, o lexema *ciência*<sup>22</sup> será apresentado também em aceções mais restritas que, nesta altura, o associam já a vertentes em vias de se cientificarem autonomamente (astronomia, ciências naturais, cosmografia, matemática, medicina...). Em diálogo com a fantasia, notada pelos olhos da Idade Moderna apenas, o saber progride mais depressa quando, à transmissão de sucessivas visões alegóricas e descrições fabulosas, se sobrepõem o contacto direto com a realidade e a atitude crítica, que derroga mitificações. Thorndike ensina-nos, aliás, que a magia e a religião são indissociáveis da história da ciência,<sup>23</sup> contribuindo imenso para o seu devir.

Na verdade, foi a longevidade de algumas sùmulas enciclopédicas (e também a sua divulgação enviesada), aliada à imaginação e ao desconhecimento, que permitiram que a fantasia e a ciência andassem de mãos dadas, não raras vezes com indistinta derme, a par do diálogo de proximidade entre o cristianismo e a simbólica animal.<sup>24</sup> Senão vejamos: a *Historia Animalium* de Aristóteles, a

---

<sup>21</sup> Calafate (coord.) 1998-2000 em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/filosofia-portuguesa.html>.

<sup>22</sup> Sobre o valor semântico deste lexema na Idade Média, veja-se Henriques 2012.

<sup>23</sup> Thorndike 1923.

<sup>24</sup> Morrison 2007, que dá uma panorâmica geral do entendimento da função dos animais na época medieval, desde os seus usos domésticos, passando pelo entretenimento ao serviço da

*Historia naturalis* de Plínio o Velho,<sup>25</sup> o *Physiologus latinus*,<sup>26</sup> as *Etimologias* de S. Isidoro, o *De Bestiis et aliis rebus* de Hugo de Folieto e o *De proprietatibus rerum* ao compareceram descontextualizados em *catenae* e florilégios, ou inseridos em *exempla* corporizaram muitos dos medos e dos processos de antropomorfização animal ao serviço da ascética e da moral cristã. Reforçando a tendência doutrinária que tende a reprovar certos comportamentos humanos, projetando-os nos animais, temos em vernáculo o *Livro de Exopo*<sup>27</sup> que caricatura atitudes<sup>28</sup> e bestializa os homens colocando-lhes fábulas diante dos olhos convidando-os à introspeção.

O *Orto do Esposo*, uma das obras que consta do espólio de D. Duarte reflete o uso de todos estes bestiários e compilações de saberes, até porque o seu autor relata (aparentemente contrafeito), entre outros assuntos, as “cousas maravilhosas do mundo e das propriedades das animalias”,<sup>29</sup> domínio que inscreve nas “sciencias segreaes”, mas cujo poder de entretenimento junto do leitor / auditor da época é inegável. Repare-se que nem eminentes filósofos escapam a este fenómeno de redução temática. Das dezassete vezes que o Estagirita é explicitamente nomeado, sete delas é para corroborar informação relativa ao mundo animal (vd. Apêndice), enquanto Plínio, “filósofo natural” (assim designado pelo autor português) é chamado dez vezes para se pronunciar sobre características (lendárias) da fauna e da flora,<sup>30</sup> já para não mencionar os trechos do *OE* inspirados nas gentes que o autor latino descreve.

Na manutenção de um ambiente fantástico que os Descobrimientos vão desmistificar paulatinamente, verificamos o recurso a determinados capítulos das *Etimologias*, além de se verificar um diálogo entre Isidoro de Sevilha e os outros dois autores quando se traz à colação o escorpião ou o basilisco (vd. Apêndice). O livro XI subtintulado “De homine et portentis” reúne, pois, um manancial de elementos sugestivos, a par dos informes contidos no livro seguinte, dedicado aos animais. Ao vislumbrarmos a presença de sátiros e de ciclopes na obra portuguesa, recordamos o capítulo sobre criaturas fantásticas escrito pelo punho

---

nobreza e pela; consulte-se o dossier temático, magnificamente ilustrado, da Bnf sobre o tema dos bestiários: <http://classes.bnf.fr/rendezvous/pdf/Bestiaire3.pdf>.

<sup>25</sup> Segundo Thorndike 1923: 42-43, Plínio é um dos nomes maiores da história da ciência antiga.

<sup>26</sup> Sobre o *Physiologus* (da sua origem grega às versões latinas), e os bestiários medievais, leia-se com proveito Varandas 2006.

<sup>27</sup> *Livro de Exopo* 1994: 1-100.

<sup>28</sup> Vd. um excerto da história “A terra que pariu um rato”, *Livro de Exopo* 1994: 89: “hũa vez a terra imchou e algũus vilãaos que hy estavam açerqua ouverom gram temor e fugirom hy açerqua. E logo a pouca d.ora a terra pariu hũu rato e os vilãaos questo bem viam sseguraram. sse e ouverom gram prazer. Per este exemplo o poeta nos amostra que nom devemos temer as ameaças porque som muytos homẽes que ham mays palavras que obras. “

<sup>29</sup> *Orto do Esposo*, 2007, Livro I, Prol., 3. Doravante citado *OE*.

<sup>30</sup> Vd. a referência ao fundo mitológico do *OE* em Ferronha 1993: 12.

do erudito arcebispo. Façamos uma breve leitura comparativa das duas obras:<sup>3132</sup>

<i>Etimologias</i> <sup>31</sup>	<i>OE</i> <sup>32</sup>
21. <i>Satyri homunciones sunt aduncis naribus; cornua in frontibus, et caprarum pedibus similes...</i>	“Em muitos de seus factos e em na voz parecem homens, segundo diz Sancto Isidero, ca ele diz os satiros som pequenos e tõe os narizes juntos e em nas fronte tõe cornos e som semelhantes aas cabras em nos pees.”
16. <i>Cyclopes quoque eadem India gignit; et dictos Cyclopes eo quod unum habere oculum in frente media perhibentur.</i>	“Outros som chamados cicropes porque tõem nom mais que ùu olho em na frente.”
18. <i>In ultimo autem Orientis monstruosae gentium facies scribunt. Aliae sine naribus, aequali totius oris planitie, informes habentes vultus. Aliae labro subteriori adeo prominenti ut in solis ardoribus totam exe o faciem contegant dormientes. (...)</i>	“Outros nom tõe cabeças nem colo e tõe os olhos em nos ombros. Outros tõe a face chaa sem narizes e tõe o beicho de fundo tam longo e tam ancho que quando dormem em na grande calma cobrem com ele toda a face.”
18. (...) <i>Aliis concreta ora esse, modico tantum foramine calamis avenarum pastus haurientes. Nonnulli sine linguis esse dicuntur, invicem sermonis utentes nutum sive motum.</i>	“Outros ham a boca carrada e junta e nom desfolegam senam per ùu furado que tõe em nos peitos. E estes dizem que nom tõe linguas nem falam, mas solamente fazem sinal de acenamento por fala.”
19. <i>Panotios apud Scythiam esse ferunt, tam diffusa magnitudine aurium ut omne corpus ex eis contegant.</i>	“Em Sicia ha homens que tõe as orelhas tam grandes que cobrem todo o corpo com elas e a estos chamam panthios.”
20. <i>Artabatitae in Aethiopia proni, ut pecora ambulare dicuntur: quadragesimae aevi annum nullus supergreditur.</i>	“E outros ha em Ethiopia que andam curvos assi como os gaados e nom podem levantar os corpos direitos pera cima e som chamados arbiticos.”
23. <i>Sciopodum gens fertur in Aethiopia singulis cruribus et celeritate mirabili (...) per aestum in terra resupini iacentes pedum suorum magnitudine adumbrentur.</i>	“E outros que nom tõe mais que ùu pee, tam grande que quando jazem sobinhos aa quentura do sol alçam aquele pee e cobrem todo o corpo a sôbra dele e som tam ligeiros que correm tanto come os cães.”

<sup>31</sup> Sevilha 2004: 882.

<sup>32</sup> *OE*, 2007: 100.

<p>24. <i>Antipodes in Libya plantas versas habent post crura et octonos digitos in plantis.</i></p>	<p>“Outrossy ha i outros que ham as plantas dos pees tornadas as vesas e tõe doze dedos em nos pees. Estes andam em no deserto de Libia.”</p>
<p>25. Hippopodes in Scythia sunt, humanam formam et equinos pedes habentes.</p>	<p>“Em Sicia ha outras animalias que ham figuras de homens e ham os pees de cavalo.”</p>

Extraímos várias informações deste confronto: em primeiro lugar, o nosso autor inverte, aqui e ali, a ordem pela qual a galeria de criaturas prodigiosas aparece em S. Isidoro, provavelmente porque usa uma compilação ou porque cita de cor as passagens do texto. É nítida a fuga aos excertos em que surge uma ou outra palavra grega (que constam dos trechos que marcámos com parênteses) e a dificuldade em transpor os nomes latinos desses seres para português. Determinante é esquisar os traços mais grotescos e invulgares das criaturas.

Pese embora a distância temporal entre os dois autores, encontraremos muitas representações pictóricas dos povos desconhecidos dispersos pelo globo com feições parecidas com aquelas que aqui aparecem enunciados.<sup>33</sup> Se percorrermos obras com reproduções de manuscritos iluminados, é possível reconhecer, entre aqueles que mostram as maravilhas do mundo, vários seres<sup>34</sup> herdados da literatura clássica e medieval (Solino, Plínio, Isidoro de Sevilha, Beda...). E mais: presente-se na galeria de seres híbridos que povoa os fólios alguma da inspiração colhida por Bosch para debuxar os magníficos animais surrealizantes das suas telas.

Também marcam presença na *OE* as sereias,<sup>35</sup> criaturas que os marinheiros continuariam a temer durante muito tempo, bem como o mítico unicórnio<sup>36</sup> e os relatos sobre costumes bizarros de povos desconhecidos, a indiciar a ignorância reinante no que concerne à geografia humana e à diversidade étnica da Terra.

E que definição de mundo encontramos no texto português, além das metáforas inspiradas no Texto sagrado e nos escritos estoicos?

“O mundo é todo o ajuntamento de totalas cousas criadas em ãa redondeza, ca a face de cima do mundo redonda é em ãu circo. Os filosofas departiram o mundo em duas partes. A primeira parte, mais simprez e mais nobre, é a parte de cima que é des o circo da lãa ataa o circo das planetas. E a outra parte mais baixa é des o circo da lãa a fundo ataa o circo da terra. Esta parte baixa é circo

<sup>33</sup> Lopes 2004: 291-302, salienta o papel de Laurentius Frisius e de Sebastian Münster na criação de um acervo documental a partir das viagens marítimas dos Descobrimentos.

<sup>34</sup> *Vd.*, por exemplo, Morrison 2007: 88-89, que apresenta um manuscrito de Duzentos, proveniente de Théroouanne, com muitas criaturas dos confins dos mundos.

<sup>35</sup> *OE*, 2007:153.

<sup>36</sup> *OE* 2007, 111-112. *Vd.* ainda Pereira, 2005: 69-84.

de quatro elementos em quatro rodas ajuntadas em ãa redondeza e a terra fica em essa meetade. E esta redondeza cerca o ceo com movimentos perduraviis correndo tostemente. Os quatro elementos som o fogo que está mais alto e há sô ele o aar e desi a agua e a terra mais baixa. A parte do mundo mais alta, que é do cerco da lũa ataa as planetas é contada por mais digna porque a materia dela é mais pura e a figura mais fremosa e maior virtude dela é achada em nas cousas mais baixas.<sup>37</sup>

De forma rudimentar, vemos refletida neste trecho a posição hierarquizada do mundo (sublunar e supralunar) postulada por Aristóteles que distribui os quatro elementos pela parte sublunar, sujeita aos movimentos (“perduraviis”) de geração e corrupção, e reserva à outra zona um lugar para os planetas. O uso do adjetivo “digna” e a expressão “materia pura” revelam a forma como o autor português interioriza a ideia presente na cosmologia aristotélica, segundo a qual a ordem e a harmonia se situam nos corpos celestes.

À semelhança do que acontecerá, por vezes, no processo de expansão marítima, o paganismo<sup>38</sup> funciona como mola de força de uma visão preconceituosa, que aciona a incompreensão perante a diferença. Daí que se verifiquem afinidades entre o tom dos *exempla* relativos a povos pagãos e o olhar dos descobridores ao encararem as tribos indígenas e as gentes recém-descobertas<sup>39</sup> quando o anónimo português apresenta as gentes do deserto da Etiópia<sup>40</sup> ou fala da Hircania [província do Irão],<sup>41</sup> da Hibernia<sup>42</sup> [Irlanda], da Escocia e dos povos do Oriente,<sup>43</sup> da Frísia [zona dos Países Baixos].<sup>44</sup>

A figura do físico surge associada à do mágico que consegue derrotar o demónio ou operar curas sobrenaturais, por ser dotado de predicados especiais,<sup>45</sup> embora compareça também uma vez no *Orto do Esopo* “aquele físico mui nomeado

<sup>37</sup> OE, 2007: 114.

<sup>38</sup> Uma das fontes usadas pelo nosso *compiler* é a *Historia adversus paganos* de Orósio que nas primeiras linhas nos dá conta da associação entre o abandono de Deus e a desordem do mundo natural: “bellis grauia aut corrupta morbis aut fame tristitia aut terrarum motibus terribilia aut inundationibus aquarum insolita aut eruptionibus ignium metuenda aut ictibus fulminum plagisque grandinum saeuu uel etiam parricidiis flagitiisque misera...”. (Seguimos a edição de Farmhouse 2000, Prol.: 46).

<sup>39</sup> *Vd.*, para um período mais avançado, o interessante artigo de Silvestre 2005: 159: “Os termos fábula e fabuloso, além de designarem os textos de cariz moralizante filiados na tradição greco-latina de Fedro e Esopo, tornam-se frequentes nas obras que compendiam as narrativas respeitantes aos povos orientais e africanos, muito devido à obrigação de rotular as religiões não católicas como paganismo.”

<sup>40</sup> OE 2007: 114.

<sup>41</sup> OE 2007: 202.

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> *Ibid.*, 204.

<sup>44</sup> OE 2007: 249.

<sup>45</sup> OE 2007: 39.

Galieno”.<sup>46</sup> Os “astrologos” não concitam grande simpatia – exceção feita a Albumasar<sup>47</sup> – nem determinados escolares por se dedicarem à nigromancia ou à arte de “desputar”. A filosofia, representante máxima das ciências seculares, e reduzida à lógica, é vituperada e remetida ao seu estatuto ancilar a favor da *Sacra pagina*.

Indício de descrença ou de ceticismo face à ciência é ainda aquele que surge para explicar a escuridão<sup>48</sup> que sobreveio à morte de Cristo, apenas compreensível, segundo o monge português, pela sobrenatural compaixão da natureza face ao Criador.

Mas, deixemos esta obra mística, onde os jardins do Livro II, inspirados no *Cântico dos Cânticos* e juncados pela “rosa de marteiro e paixom, [pelo] lílio de castidade”, pela “flor da viola da humildade”,<sup>49</sup> pelo “açafrao da caridade”<sup>50</sup> e pelo “cinamomom da lembrança da morte”<sup>51</sup> (especiarias com um valor tão concreto nas nossas rotas caravaneiras), escapam à catalogação da botânica e da farmacopeia.

Revisitemos os *Segredos* de Aristóteles, seguindo *ipsis verbis* a referência do rol bibliográfico duartino, isto é, uma obra apócrifa com extraordinário acolhimento no Ocidente,<sup>52</sup> sobretudo pela sua versão oriental, e que comparece três vezes no *Leal Conselheiro*.<sup>53</sup> Moreira de Sá atribui esta preferência ao facto de aí constarem várias curiosidades astrológicas,<sup>54</sup> tema bem amado na Península Ibérica e que interessaria decerto ao rei filósofo, porque possuía mais dois livros de astrologia na sua biblioteca. Eamon vai mais longe na explicação para o êxito de tais obras, integrando-as num género literário com características próprias<sup>55</sup> e salientando a rentabilidade da metáfora “segredos da natureza”.

A bem sucedida circulação do escrito apócrifo em Castela, nas suas

---

<sup>46</sup> OE 2007: 297.

<sup>47</sup> OE 2007: 69.

<sup>48</sup> OE 2007: 69.

<sup>49</sup> OE 2007: 23.

<sup>50</sup> *Ibid.*

<sup>51</sup> OE 2007: 21-22.

<sup>52</sup> Dod 1989:79, informa-nos que a tradução do árabe para latim terá sido realizada c. 1243 por Filipe de Trípoli, subsistindo 350 manuscritos da obra.

<sup>53</sup> A referência mais importante reporta-se ao capítulo do *Segredo dos Segredos* que esboça o perfil do bom conselheiro (71-72). O rei filósofo manda transcrever um longo trecho da obra apócrifa no cap. L do seu tratado. Seguimos a ed. de Castro 1998. A obra pseudo-aristotélica chegou a ser atribuída ao Infante D. Henrique. Devemos ao Professor J. de Carvalho o deslindamento da questão: 19: 283-361.

<sup>54</sup> Sá 1960: XX.

<sup>55</sup> Eamon 1994: 4: “Why these writings so capture the medieval imagination, and why did their popularity and authority persist for so long? One reason is that they were linked with a literary tradition of works that promised to reveal the esoteric teaching of revered authorities like Aristotle and Albert Magnus. Such teachings appealed forcefully to the medieval mind (...). But they also appealed to Renaissance thinkers, who searched for a *prisca theologica*, an original wisdom rooted in revelation, as an alternative to what they regarded as a bankrupt scholastic tradition.”

duas versões parece revelar antes o interesse pelos capítulos sobre uma reta governação.<sup>56</sup> Comparada a estrutura dos nossos *Segredos* com as versões castelhanas do *Secretum secretorum* e da *Poridat de las poridades* (vd. apêndice), vislumbramos pela significativa disparidade arquitetural que as singulariza que, de facto, o texto português se afasta da tradição ocidental, enriquecido por informações médicas e menos ligado à teorização filosófica de âmbito político. Esta tónica coloca-se, pelo contrário, na *Poridat de las Poridades*.

Logo no início da versão quatrocentista portuguesa, compreendemos o percurso sinuoso de transmissão da obra (“trelladey o pymeiramente de lingua grega Em caldea E desta em arabiga E de arabica Em latim.”<sup>57</sup>) e, pela leitura integral do texto que sobreviveu à voragem do tempo, verificamos estar perante uma versão abreviada do original, com passagens poucos felizes no exercício de transposição textual.

O pequeno escrito de Pseudo-Aristóteles em linguagem divide-se em quatro partes, preservando o suposto espírito didático através do qual o Estagirita veicularia ensinamentos morais e enciclopédicos ao seu discípulo, o Imperador Alexandre Magno:<sup>58</sup> (i) da variedade dos reis, seus costumes e regimentos; (ii) regimento da saúde; (iii) das maravilhosas utilidades da natureza, da arte e dos costumes; (iv) da maravilhosa eleição dos amigos e conselheiros do rei através das propriedades naturais dos corpos.

Começando por alguns capítulos que se situam na linha da educação de príncipes, surge aí expresso o código de conduta do rei, o apelo à castidade e à contenção, o incitamento ao esporádico recato da solidão e ao estudo,<sup>59</sup> a conservação de nobres sentimentos, que se revistam de exemplaridade para os súbditos, e a fuga às coisas transitórias. É também nesta primeira parte que se encontra um significativo louvor ao entendimento<sup>60</sup> e se fala da capacidade de “compreender E figurativamente Entender”,<sup>61</sup> rematado por um voto de confiança na razão:

“Non des fe aos dictos dos nom sabedores assi como aquelles que dizem a sciencia das planetas deficel seer E que nêhũ nom poderá a ella vijr / estes nom sabem o que dizem porque acerca do poderio do entendimento nom ha hi cousa deficel. E todollas cousas se podem saber per uja de razam / Som outros

<sup>56</sup> Bizarri 2010: 26.

<sup>57</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: Prol., 9.

<sup>58</sup> Daí que vários capítulos sejam iniciados pelo vocativo “O Alexandre”.

<sup>59</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 23: Alexandre, representante de todos os soberanos, é aconselhado a promover o cultivo da ciência e das artes liberais junto dos seus súbditos, porque o saber se pode inscrever como marca de notoriedade da sua governação, a registar por escrito.

<sup>60</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 13: “o entendimento he cabeça do regimento saude dalma guarda das uirtudes olhador dos ujcios Em elle se veem as cousas que se deuem de fugir E per elle escolhemos as cousas descolher”.

<sup>61</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 9.

nom menos sandeos que dizem que deos todelas cousas antevio cante ordenou des o comeco / E dizem que nom aproveita conhecer as cousas por vijnr pois que de necessario ham de aquecer...”.<sup>62</sup>

Adivinham-se, nestas breves linhas, uma espécie de destronação da fé e de desvalorização (ou, pelo menos, relativização) da omnisciência divina, em favor da intervenção do homem sobre o seu processo de aquisição de conhecimento, colocando-se a “sciencia das estrellas” ao serviço da previsão do futuro. Segundo o autor, a astronomia contempla três vertentes, que reconstituímos abaixo:

Objeto de estudo	Ordenação dos, céus e das esferas, disposição dos planetas, divisão dos signos [do zodíaco], seu alongamento e movimentos	Conhecimento do movimento do firmamento e nascimento dos signos “sobre as cousas empirias ante que seiam fectas so o firmamento da lũa” <sup>63</sup>	Esferas, planetas e signos
Designação	Ciência	-----	Astronomia ou ciência dos juízos
= Astronomia			

63

Apesar da clara indefinição entre astrologia e astronomia, pois tanto se referem signos do zodíaco como planetas e esferas há um esforço de reconhecimento científico desta área do saber, ainda que as dificuldades de transposição de algumas palavras para língua portuguesa tornem a prosa angulosa e, por vezes, obscura. Já para não falar dos latentes resquícios de superstição quando se recomenda a Alexandre que não tome qualquer mezinha sem “conselho de homem sabente a sciencia das estrelas porque o proueito da sciencia da medicina he aleuantada”.<sup>64</sup>

A segunda parte, dedicada à “doutrina medicinal” e onde Deus reaparece agora como instigador do conhecimento humano,<sup>65</sup> retoma a teoria clássica dos humores e a ideia segundo a qual a bÍlis negra<sup>66</sup> altera o equilíbrio corporal. Os conselhos sobre uma correta alimentação e sobre a higiene do sono, parte

<sup>62</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 24.

<sup>63</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 25.

<sup>64</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 51. A sangria deve ser feita apenas quando os astros são favoráveis (51); os signos influenciam a toma de algumas mezinhas, por isso não se pode descurar o “signo collerico ou melanconjco ou fleumatico” (52) em que se encontra a lua.

<sup>65</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 27: “deus muj alto antre todelos outros philosophos enflamou os gregos a buscar as sciencias.”

<sup>66</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 36.

integrante dos “secretos darte da medicina”<sup>67</sup> são entrecortados por momentos de devaneio poético – mais concretamente pela descrição das quatro estações, cada uma delas relacionada com benefícios para o corpo e com as leis de renovação cíclica da fauna e da flora. Na primavera, a terra antropomorfiza-se numa “sposa muj fremosa E manceba aparelhada com ornamentos E afeitada com diversos colores”,<sup>68</sup> ao passo que, no verão, o mundo se transforma numa “sposa complida per corpo E per ydade perfeita E per quentura inflamada”.<sup>69</sup> Em invernosa estação, “he ho mundo asso como uelha pessada per ydade antiga E nua de uestidura chegada aa morte”,<sup>70</sup> refletindo-se nesse declínio a natureza humana.

O ato de vomitar é tido como purificador, dispondo bem quem o faz. Ler ou deleitar-se com jogos, cantar e ouvir melodias suaves ou vestir-se com elegância<sup>71</sup> estão entre as atividades que sobrevêm a essa purga terapêutica. Apresentam-se algumas receitas para os males das várias partes do corpo (cabeça, tronco, testículos) e mezinhas que atuam em vários órgãos<sup>72</sup> e na cura da melancolia, embora seja bastante difícil a transposição de boa parte dos ingredientes para português.<sup>73</sup> Referem-se as virtualidades e perigos da ingestão de álcool, que, bebido em excesso, leva a “falar per sonho e [provoca] visões fantasticas”.<sup>74</sup> Todavia, vai circulando, entre uma forma de expressão descuidada, informação lexical importante para a história da medicina, mormente ligada à sintomatologia, a informes anatómicos e a conselhos terapêuticos (vd. Apêndice), além de termos técnicos do domínio da farmacopeia.

O nome de antigos filósofos e figuras ligadas à medicina também aparece bastante estropiado, nomeadamente a referência a Esculápio (excolapides), Hipócrates (ypocras), ou a “hermogenes medius [Hermes?] E hyrfres E donasties E datilies judeus E dioris”,<sup>75</sup> todos eles portadores do “tesouro dos philosophos”, ou seja, dos recônditos segredos da sabedoria.

<sup>67</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 30.

<sup>68</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 34.

<sup>69</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 35.

<sup>70</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 36.

<sup>71</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 37-38.

<sup>72</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 49: Por exemplo, a mezinha que limpa os pulmões também “faz dar Resperaçam a todellos estromentos dalma”.

<sup>73</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 47-48. Depois de vomitar, recomenda-se “o acucar rosado com ligno aloes” (39), mas de mais difícil compreensão é o tansengari (?) usado para facilitar a digestão, o “ache ou achen ariaganet ou arianes”(39) útil para recuperar o apetite sexual, ou a informação segundo a qual se deve usar uma onça de “elengaciam de bariofilo”(47) na mezinha para confortar o estômago. A mezinha que fortalece os membros principais, em especial os que estão escondidos, leva na sua enigmática mistura “darsamicanele” e “galengam galengal.” (48) Outros ingredientes são mais fáceis de deslindar: folhas de arruda, mel, noz-moscada, nozes, figos, grãos de milho, o sumo de romã, ruibarbo.

<sup>74</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 36. Pseudo-Aristóteles, 1960: 42.

<sup>75</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 46. *Vl.*, sobre esta difícil identificação, Steele 1920: XLVI.

A palavra segredos que pretende ser a mais enigmática da obra, incutindo no espírito do leitor a ideia de estar na pose de uma herança sapiencial legada a poucos, e que se converte numa forma de poder, – sobre o seu corpo e sobre o mundo – parece ligar-se por um momento a Hermes, a quem “os gregos” “atribuem toda a sciencia secreta E celestial”.<sup>76</sup> Não admira, por isso, que Schmitt se refira à pluralidade de aristotelismos no Renascimento, deixando um aviso à navegação para o contaminado processo de chegada do pensamento do filósofo.<sup>77</sup>

É também com a promessa de revelar ao seu discípulo o segredo dos segredos, contido numa pedra, “o ouo dos philosophos”, que se inicia a penúltima parte do pequeno tratado. Mas, desenganemo-nos quanto ao cumprimento da intenção anunciada pelo título desta secção. As propriedades e virtudes das pedras e das plantas são tratadas muito perfunctoriamente, em períodos breves e abruptos, ao contrário do que se podia prever pela abundância de obras consignadas a estas matérias.

Alberto Magno fora, a este respeito, um nome incontornável, que partindo de uma obra pseudo-aristotélica escreve o seu *De plantis* e, na senda dos escritos zoológicos do Estagirita, havia trazido à colação um volume consignado aos animais, já para não falar do *De Mineralibus*, onde citava Hermes e as suas revelações,<sup>78</sup> Aaron, Dioscórides, Evax (o suposto autor ou compilador do *De virtutibus lapidum*), Plínio e Avicena,<sup>79</sup> entre outros. O que demarca um *auctor* como Alberto Magno é justamente o seu sentido crítico, e o seu posicionamento pessoal perante os temas.<sup>80</sup> Apesar do seu empenho em fazer ascender estas matérias a um plano científico, baseado no trabalho de campo e na sistematicidade do seu aprumo escolástico, o legado enciclopédico do ilustre germânico não se furtara a ser instrumentalizado por uma corrente popular de vulgarização que se tinha apropriado de alguns dos seus ensinamentos para criar um livro de segredos com grande impacto até ao período isabelino.<sup>81</sup>

---

<sup>76</sup> Pseudo-Aristóteles, 1960: 47.

<sup>77</sup> Schmitt 1983, 27: “There were many variations: some textbooks followed the words and meaning of Aristotle to the letter, others subjugated philosophy to theological necessities on nearly every page, while still others syncretized madly to make Aristotle, the Bible, Hermes Trimegistus, and Plato all come out equal to one another and to truth in the end.”

<sup>78</sup> Magno 1569: Lib. I, 21: “... Hermes in secreto secretissimorum suorum per verba metaphorica dicens: lapis suaviter cum magno ingenio ascendit a terra in caelum, iterumque descendit a caelo in terram nutrix eius terra est, et portauit eum in ventre ventus suo.”

<sup>79</sup> Magno 1569: Lib. I, 6.

<sup>80</sup> Magno 1569: Lib. I, cap. III, confronta a opinião de vários filósofos (Avicena, Hermes, Empédocles, Demócrito...) sobre a geração das pedras e, a certa altura, refuta a posição de Demócrito, que atribui alma a todos os seres: “Haec autem stare non posse alibi ostendimus. Anima enim non in sensibilibus sed vegetabilibus invenitur: nulla enim habent lapides operationem animae congruentem...”(27)

<sup>81</sup> Best apresenta uma análise sobre o êxito de obras deste teor.

Mas, voltemos ainda por instantes à obra portuguesa. Através de um veia um tanto ou quanto imaginosa, ficamos a conhecer os efeitos afrodisíacos da ingestão de determinadas flores,<sup>82</sup> e deparamos com a imagem impressionista dos circuitos que ativam no cérebro os cinco sentidos.<sup>83</sup> Distingue-se a alma universal da [h]yle<sup>84</sup> e evocam-se as suas sete forças: i) atractiua; ii) retentiua; iii) digestiua; iv) expulsiua; v) nutritiua; vi) enformatiua; vii) uegetatiua.<sup>85</sup> O homem é louvado como a mais importante criatura saída das mãos de Deus, mas curiosamente as suas qualidades são colocadas em relação com atributos conferidos aos animais.<sup>86</sup>

Mais fantasiosa ainda é a última parte da obra, que se detém na “ciência” da fisionomia para daí extrair ostensivos traços de personalidade. Trejeitos e movimentos são interpretados como se de uma radiografia psicológica se tratasse, corroborando o registo pseudocientífico e vulgarizador que informa a obra.

Se pudéssemos saber de que maneira D. Duarte se inspirava nos títulos da sua livraria para dar substrato erudito aos seus escritos, diríamos, que neste diálogo entre os *Segredos e o Leal Conselheiro* são de ressaltar os conselhos que visam a moderação dos hábitos alimentares e de consumo de álcool, que o nosso rei trata no seio da luta contra os pecados, mormente da luxúria e da gula.<sup>87</sup> Tanto na obra apócrifa como no ABC da lealdade surge a advertência de que se come para viver e não o contrário.<sup>88</sup> Além disso, o rei sublinha a importância do jejum,<sup>89</sup> que tem também eco no escrito pseudoaristotélico, em especial na enunciação de práticas depurativas e de dietas.

De modo genérico, o *Leal Conselheiro* mostra-nos, contudo, que o monarca português não se rende completamente à astrologia, porque nem a roda da fortuna, nem os planetas<sup>90</sup> se sobrepõem a Deus. O capítulo XXXVII (Das outras virtudes e sciencias a que dam fe per desvairadas maneiras) adensa estas reservas do rei quanto à “estrolazia, nigromancia, geomancia e outras semelhantes sciencias, artes, sperimentos e sotilezas.”<sup>91</sup> D. Duarte não só expressa ceticismo e dúvida relativamente às intenções de quem domina esta “sciencia, fundada sobre mentira, engano e bulrras fora de todo virtuoso fundamento”,<sup>92</sup> como atesta que

<sup>82</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 59.

<sup>83</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 66: “Nascem da raiz do celebros pelas subtijes leues asy como teas daranhas”.

<sup>84</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 63.

<sup>85</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 64.

<sup>86</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 72: “audax he asi como liam E temeroso como lebre / largo como gallo E auarento como cam / duro E cruel como coruo/ E piadoso asi como tortore...”.

<sup>87</sup> D. Duarte, 1999: 125-129.

<sup>88</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 28; e D. Duarte 1999: 126.

<sup>89</sup> D. Duarte 1999: 130-132.

<sup>90</sup> D. Duarte 1999:139.

<sup>91</sup> D. Duarte 1999: 144.

<sup>92</sup> D. Duarte 1999: 146.

só a demonstração o leva a crer. Os “feitos e bullras dos alquimistas”<sup>93</sup> são para menosprezar e de “agoiros, sonhos, dar aa vontade, sinaes do ceo e da terra, algũu boo homẽe nom deve fazer conta”.<sup>94</sup> Quantos destes charlatães e físicos com pacto com o demônio percorrem as obras ascéticas, e em particular o *Orto do Esposo* que tem no seu escaparate? Quantos sorrisos lhe podem ter arrancado algumas das receitas dos *Segredos* de Aristóteles? Apenas uma coisa é certa: à advertência de que se devem consultar os astros antes de iniciar a guerra,<sup>95</sup> D. Duarte responderia o seguinte:

“E sobr’esta força das pranetas, dizem algũus que pois navios, cavalos, armas, aves, cães som bem ditosos, como semelhante nos homẽes nom farom as pranetas? Aos quaes eu respondo que nom contradigo que aquelas cousas nom tenham algũa / tal infruência em nascença, fazimento ou tempo em que se ha delas senhorio, que manifestamente se nom veja como desto ham grande parte. Mas eu tenho que por os homẽes serem mais excelentes criaturas, que a sua costelaçom, em nos feitos principais, correge todas outras.”<sup>96</sup>

Mesmo para um rei que se interessa pela astrologia, nada superava a ação de Deus e o poder do livre arbítrio.

Finalmente, convidamos o leitor a revisitar o *Horologium fidei*, que tem como interlocutor o Infante D. Henrique, homem de sentido prático, com grande responsabilidade no processo da expansão portuguesa. Interessa aqui destacar os trechos em que as dúvidas do Infante de Sagres parecem ir ao encontro das suas expectativas de desbravamento de novos mundos. A sua particular detença no tema da criação, nomeadamente na ordem céu / terra,<sup>97</sup> a problemática da imagem de Deus impressa na alma<sup>98</sup> ou a inquietação perante um paraíso que marginaliza o homem<sup>99</sup> nutrem um diálogo em que, mesmo simbólica ou forjada, a presença de uma voz secular anuncia os novos caminhos da razão. As questões concretas sobre o *celum crystallinum siue aqueum*<sup>100</sup> conduzem a conversa para a propriedade e influência dos planetas, num tom distante do que vimos anteriormente,<sup>101</sup> mas com *auctoritates* já familiares: Ptolomeu e Albumazar (*in introductorio suo*), Galeno e Avicena. Não faltará a referência ao *De caelo et mundo*,

---

<sup>93</sup> D. Duarte 1999:147.

<sup>94</sup> D. Duarte 1999:147.

<sup>95</sup> Pseudo-Aristóteles 1960: 80-81.

<sup>96</sup> D. Duarte 1999: 152.

<sup>97</sup> Prado 1994: 126.

<sup>98</sup> Prado 1994: 130.

<sup>99</sup> Prado 1994 142.

<sup>100</sup> Prado 1994: 156.

<sup>101</sup> Prado 1994: 158: “[Ma.] Dicunt sapientes astrorum quod ultra omnes planetas, luna forcius mouet quia propinquior est...”. distinguendi inter aquas superiores et inferiores; et sciam solum celum in quo fixa sunt sydera dicitur firmamentum.”

nem ao apócrifo *De pomo*, assim como a reunião num só coro de evangelistas e doutores da Igreja na difícil explicação do começo do mundo que, então, se desbravava e cujos instrumentos náuticos ajudariam a localizar. A fantasia de encontrar o paraíso, a Oriente, poucos escaparam.

### A CIÊNCIA NÃO TEM LUGAR NUM LIVRO DE PATRANHAS

E porque vejais as parvoices e fabulas desta gentilidade, dizem que esta arvore foi filha de hum homem, grande senhor, chamado Parizataco; e que se namorou do sol, o qual a leixou, depois de ter com ella conversação, por amores doutra; e ella se matou, e foy queimada (como nesta terra se custuma) e da cinza se gerou esta arvore, as flores do qual avorrecem ao sol, que em sua presença não parecem; e parece ser que Ovidio seria destas partes, pois compunha as fabulas assi deste modo.

Garcia de Orta<sup>102</sup>

Para concluir este percurso, já no século XVI, convocamos Garcia de Orta, cujo papel na história da filosofia natural talvez esteja longe de estar bem estudado. Nos seus *Colóquios*, o autor quinhentista cita abundantemente Plínio e Avicena,<sup>103</sup> além de fazer intervir no seu discurso Aristóteles, Galeno, Dioscórides,<sup>104</sup> Averróis, e autores seus contemporâneos. Embora algumas destas autoridades já tenham surgido nas páginas anteriores, o tratamento que lhe é dado nos Colóquios reveste-se de uma marcada cientificidade que confronta, corrobora ou infirma dados, não se limitando a compilar acriticamente.

O trecho que colocamos em epígrafe podia ser um repto a várias obras medievais, mormente às que aqui propusemos folhear. A aguda consciência de que a verdade era determinante para atestar a validade da sua obra leva Garcia de Orta a proferir várias vezes que se desvia de efabulações e de colorações estilísticas<sup>105</sup>, introduzindo elementos colhidos a partir da observação direta de plantas e até da análise in loco de costumes dos povos de terras longínquas.

É com (aparente) desagrado que introduz digressões no seu minucioso tratado, receoso de incorrer nessa tentação de cobrir com o manto diáfano da fantasia os ensinamentos desejavalemente rigorosos, muitos deles de transposição linguística e de explicação etimológica. Daí que admoeste o seu interlocutor: “Eu não queria que gastássemos hum capitolo em cousas que nam sejam de

---

<sup>102</sup> Orta 2011: 71.

<sup>103</sup> Verifica-se o caso curioso de o botânico afirmar mesmo, em op. cit.: 36, que lê “o texto pola tradução comum [refere-se à versão de Gerardo de Cremona] tendo Aviçena na mão em arabio e consulta o “texto emendado com as correições do Belunense”.

<sup>104</sup> É conhecida a imensa importância do seu *De materia medica* até à época das Luzes.

<sup>105</sup> Orta 2011: 79: “he necessario que deiteis de vós as afeições que tendes a estes escritores novos, e folgeis de ouvir minhas verdades ditas sem cores rhetoricas, porque a verdade se pinta nua.”

sciencia, porque dirá todo o homem que o ler, que me ponho a escrever hum livro de patranhas.”<sup>106</sup>

## APÊNDICE

### I

- O *Orto do Esposo* e os bestiários

	Liv-ro	Cap./pág.	Citação /Paráfrase
Aristóteles	III	XI, 64	“Onde diz Aristoteles que a elifante femea trage per dous anos o parto em no ventre, porque ha grande corpo.”
		XIII, 128	“E esta animalia [avestruz] é tam queete que engule o ferro e moe-o em no estamago e consume-o, segundo diz Aristotiles.”
		XVII, 140	“se os homees tevessem olhos taes como de ua animalia que chama liis, em guisa que a sua vista podesse veer as cousas de dentro do corpo do homem certamente, posto que o corpo fosse muito fremoso, muito torpe e mui feio, pareceria em nas tripas e em nas outras entranhas dentro.”
		XVIII, 147	“a donazinha come da arruda como quer que seja amargosa e com virtude do çumo dela vai cometer o basilico e vence-o e mata-o. (...) E Aristotiles lhe deu em conselho que aparelhasse ùu homem d’armas bem ardido todo cuberto com ùu escudo bem largo e que o possesse antre si e o basilisco e que possesse entre si e basilisco ùu grande espelho bem luzente antre o basilisco.”
		XXIV, 166	“E diz Aristoteles que quando é chagada [a cabra montês] que come ua erva que chamam dracundeia e assi tira a seeta ou o dardo do corpo.”
		XXIV, 167	“a cervã pare os filhos acerca dos caminhos porque nom chegam ali as outras animalias per razom dos homens”.

<sup>106</sup> Orta 2011: 119.

	Livro	Cap./ pág.	CITAÇÃO / PARÁFRASE
Plínio	I	V, 16	“Conta uñ sabedor que ha nome Plinio, que ha ùa arvore em terra de India que nunca apodrece a madeira dela nem a pode queimar o fogo.”
	II	II, 26	“Onde diz uñ filosafo que chamam Plinio que em na terra da parte do meo dia ha ùa palma que, quando é tam velha que seca e podrece nace outra vez de si mesma e torna de seer verde.”
	III	XI, 64	“E diz Plinio que o elifante antre todas as animalias é de mui grande virtude em tanto que aadur é achada nos homões tanta bondade. (...) E diz Plinio que os elifantes quando vão juntamente fazem ir os mancebos deante e guardam-nos com grande diligencia e ensinam-nos pera fazerem aquilo que eles fazem.”
		XI, 65	“E diz Plinio que quando os elifantes enfermam ajuntam ùas ervas de meezinha e ante que usem delas levantam-nas ao ceo teendo as cabeças em tal guisa que teem os olhos pera cima e com ùa religiom demandam ajudoiro aas sanctidades dos ceos.”
		XV, 80	“E diz Plinio que o leom entom é na mais alta nobleza quando tem os ombros e o colo cobertos de comas. E aqueles que som filhos dos leões pardos nom ham comas em esta guisa.”
	IV	III, 96	“Ca diz Plinio o filosafo natural, que em nos membros das animalias ha muitas e maravilhosas virtudes escondidas.”
		IV, 99	“Assi como diz Plinio, filosafo natural, que conta que em ùu monte que ha nome Athalante acerca do mar Oceano ha ùas arvores de maravilhosa altura. Som semelhantes ao cipreste e o fruto delas som de mui boo odor.”
		XII, 124	“E diz Plinio que ha i uñs scoriões que parem onze filhos e a madre mata-os, afora uñ deles que he mais arteiro, que sobe sobre a cabeça da madre. em logar que está seguro do aguilhom dela que tem em no cabo”.
		XVIII, 147	“E diz Plinio, filosafo, que em na provincia de Cirenea há o basilisco em longura de doze dedos e tem na cabeça ùa malha branca em logo de coroa real. E nom abaixa o corpo quando anda, mas dreito e levantado anda des a metade do corpo e deseca e destrue todalas ervas e as arvores e as outras cousas em redor de si, nom tam solamente com o tangimento mas ainda com o bafo e com o assovio.”
		XXVIII, 182	“E diz Plinio filosafo que tam queente é o leom que sempre ha febre quartãa.”

Isidoro de Sevilha	Livro	Cap./pág.	Citação /Paráfrase
	III	XI, 64	“E segundo diz Ysidoro vivem os elifantes trezentos anos.”
	IV	II, 95	“Ca esta [tigris] corre tanto quando fugi como a seeta quando sae da beesta...”.
		XII, 124	“E porem a fortuna do mundo é semelhante a uu bicho que cham scorpom, o qual diz Sancto Isidoro que tem em no cabo uu aguilhom armado e com sua deanteira mostra afagos e pungi mui mal com o cabo.”
		XVIII, 147	“Diz Sancto Isidoro que o basilisco é a rei das serpentes”.
		XXXIV, 202	“E porque a terra nom é frutuosa andam per ela a uas partes e aas outras nom morando em assesego, mas estendem-se pela terra e uus deles lavram herdades e outros vivem de caça e outros comem carnes d’homees como bestas e bevem o sangue, segundo diz Sancto Isidoro.”
XLIII, 237	“Onde diz Sancto Esidoro em Cicilia ha ùu monte que chamam ulcam Athan de que sae fogo com exufre assi como Inferno”.		

### III

#### **Estrutura da obra *Secretum secretorum* em castelhano e português: diferentes tradições textuais.**

<i>Segredo dos Segredos</i>	<i>Secreto de los secretos</i>	<i>Poridat de las poridades</i>
Do prologo (sic) do doctor em recomendacam daristoteles <sup>1</sup>	Prólogo del traductor.	[Prólogo + epístola enviada a Alexandre]
Do prologo (sic) de johane o qual trelladou o livro e Epistola enujada a Rey Alexandre	-----	-----
Dos rex E dos modos acerca davareza E largueza	Cap. I De la manera de los reys.	Capitulo de las maneras de los rreyes y de sus maneras que han de auer.
Da largueza E auareza E outras virtudes	Cap. II. Del modo de gastar.	-----

Da doctrina daristotilis	Cap.III Instrucción sobre la buena fama.	El tractado segundo es en estado dell rrey commo deve ser en si.
Dos males que do carnal deseio he usu nascem	Cap. IV. De la abstinencia de la voluntad.	
Da entencam final que ham de teer os Rex	Cap. V. Instrucción a los reyes sobre la divulgación de la buena fama.	
Da religiam do Rei	Cap. VI. Cómo se debe honrar el rey de tener religiosos y sabios.	
Da prouidencia do rei	Cap. VII. De la prudencia del Rey.	
Da uestidura real	Cap. VIII Del ornamento del rey.	
Da justica do Rey	Cap. VIII Del ornamento del rey.	
	Cap. X Del modo del consuelo del rey.	
Da fina entencam	Cap. X Del modo del consuelo del rey.	
Da castidad do Rey	Cap.IX. De la castidade y la continencia del rey.	
Do solaz do Rei	Cap.XI. De la piedad del rey.	
Da continencia e descrecam do Rey	Cap. IX. De la castidade y la continencia del rey.	
Da reuerenca do Rey	Cap.X Del modo del consuelo del rey.	
Da bondade do Rey	Cap.X. Del modo del consuelo del rey.	
Da semelhanca do rey	-----	
Da subiccam do Rey.	Cap. XI. De la piedad del rey.	-----
Da prouidencia do rei	Cap. XII. De la providencia del rey ante los tiempos de hambre.	-----
Da mjsericordia do Rey	Cap. XI. De la piedad del rey.	-----
Das cousas de buscar do Rei	Cap. XII. De la providencia del rey ante los tiempos de hambre.	-----
Da fe de guardar ao Rei		-----

Do promouimento do studo	Cap. XIII De qué modo el rey deve promover los estúdios literarios.	-----
Da guarda do corpo	Cap. XIV. De la guarda del Rey contra los peligros de la morte.	Este es el tratado .vii. en guisas [de] las lides e las huestes.
	Cap. XV De los físicos.	-----
Da hora descolher nastro-nomia	Cap. XVI Guarda del anima.	-----
O proueito do regimento	Cap. XVII. Dotrina de medicina.	Este es el tratado .vii. en guisas [de] las lides e las huestes.
Do regimento da saúde		
Per quantos modos a saude he conseruada.		
Do stamago		
Do proveitoso manjar pera Guarda da saude E regra de ujuer.	Cap. XVIII. De como que debe hacerse o comerse para conservación de la salud.	
Como se ha de reger des que se alevantar		
Da tardança do comer		
Do modo do dormjr		
Do custume de guardar		
De quatuor temporibus annj	Cap. XIX. De los cuatro tiempos del año.	
Do verão		
Dostio	Cap. XX Del principio del estío y de sus propiedades.	
Do auptuno	Cap. XXI. Del otoño y de sus propiedades	
Do inuerno	Cap. XXII. Del inuierno y de sus propiedades.	
Da natureza dos manjares	Cap. XXIII. Lo que ha de fazer ante de comer.	
	Cap. XXIV. De lo que se ha de hacer después de comer.	
	Cap. XXVI. De la conseruacion del calor natural y de las cosas que hacen ben e de las que dañan.	
Do uomjto	Cap. XXVI. (...)	
Do conhecimento dos iiij principaes membros	-----	

Do mal da cabeça E do seu Remédio	-----	-----
Do pecto	-----	-----
Dos companhões	-----	-----
De hũa mezinha que a saude rege	-----	-----
Das naturezas dos manjares	Cap. XXVI. (...)	-----
Dagoa ou agoas.	Cap. XXVI. (...)	-----
Das naturezas E qualidades do ujnho	Cap. XXVII. Del conocimiento del buen vino y del modo de beberlo moderadamente.	-----
Da recomendação do xarope azedo e remédio contra a embriaguez		-----
Daquelas cousas que engordam o corpo	Cap. XXVIII. Commo algunas cousas engruesam e otras enmagresçen e otras humedesçen e otras desecan.	-----
Daquelas cousas que Emagrecem ho corpo		-----
Do banho	-----	-----
Da confeiçom do mel	-----	-----
Da primeyra possicam ou mezinha	-----	-----
Da segunda	-----	-----
Da terceyra	-----	-----
Da quarta	-----	-----
Da quinta	-----	-----
Da sexta	-----	-----
Da septima	-----	-----
Da oytaua	-----	-----
De hũa mezinha dos dictos Todos	-----	-----
Da sangria	-----	-----
Do tomamento da mezinha	-----	-----
Do dar da mezinha	-----	-----
Das biberas	-----	-----
Das pedras e plantas	-----	-----
Da filosofia de aristoteles	-----	-----
Das pedras maravilhosas	-----	El octauo tractado de las virtudes de las piedras.
Das maravilhas das plantas universais	-----	-----

Das qualidades e propriedades de algumas plantas e virtudes	-----	-----
Da forma da justica	-----	El tratado terçero en manera de la iusticia.
Dos bees que nadem da justica	-----	
De la ley. Rey. he direito como seja cada hua	-----	
Dos freos do Rey E do seu conto E sua forma	-----	-----
[Da divisão das virtudes da alma e seus regimentos]	-----	El iiiio tractado es de los alguaziles e de los adelantados de que manera han de ser e de que seso.
De toda alma	-----	
Dos cinco sentidos	-----	-----
Das v. planetas he v animaes	-----	-----
Dos v dias mais noble de todo ho anno	-----	-----
Da variedade do juizo e conselho	-----	-----
Da eleição do conselheiro e da maneira de tomar conselho em todas as coizas	Cap. XXX. Del modo de requerir consejo prudente.	El iiiii tractado es de los alguaziles e de los adelantados de que manera han de ser e de que seso.
Do número de conselheiros	-----	
Dos bons costumes e virtudes do optimo conselheiro	-----	
Nota do homem exemplo	Cap. XXIX. De cierta parábola del entendimiento racional.	-----
Dos scpreuedores dos segredos	Cap. XXI. De como por la fisionomía se conocen las condiciones de la persona.	-----
Dos mesegeyros he sua enformacam		Capitulo [quinto] de los mandadeiros del rrey.
Daqueles que entendem sobre a cura dos subditos		-----
Da desposicam do capitam E do scolhimento dos batalhantes grandes e pequenos		El tractado vi e sen manera los... e los buenos cavaleros.
Do Regimento da batalha E da forma de cometer a batalha E provocações	-----	-----
Da eleição do tempo para inciar as guerras	-----	-----

Darte de conhecer as Calidades dos homeens	-----	-----
Da fisionomia em particular	-----	-----
Do sinal do amor	-----	-----
Dos cabelos	-----	-----
Dos olhos	-----	-----
Das sobrançelhas	-----	-----
Do nariz	-----	-----
Da face	-----	-----
Da boca	-----	-----
Das queyxadas	-----	-----
Das orelhas	-----	-----
Da uoz	-----	-----
Do movjmento do corpo	-----	-----
Do collo	-----	-----
Do uentre	-----	-----
Do pecto	-----	-----
Dos hombros	-----	-----
Dos bracos	-----	-----
Das palmas	-----	-----
Dos dedos	-----	-----
Dos pees	-----	-----
Das pernas	-----	-----
Das pernas	-----	-----
Dos giolhos	-----	-----
Dos passos	-----	-----
Do bõo homem E perfectõ	-----	-----

### III

#### **Algum vocabulário relevante para o estudo da história da terminologia médica a partir do *Segredo dos Segredos*:**

##### SINTOMAS

abrimentos da boca

cólera negra

corrupçam da uista

desfalicimento

door [de ylharga] [da cabeça] [das reens]

enchimento

encarramento [do cerebro] [dos narizes]

encuruações dos membros

eruchamentos no ventre

erugimento [das orelhas]  
febre [quartãa]  
fleuma  
gafeem  
graueza [sobre as sobancelhas]  
humjidades corruptas  
lepra  
magoas brancas  
obscuridade dos olhos  
paralisia  
pedra  
pessume [no uentre]  
quentura [do stamago]  
retimento [do sangue]  
revolvimento [das tripas]  
somno  
spedisão [ou grossura no corpo]  
superfluidades [do corpo]  
tremores [da cabeça]  
torpeza  
tosse  
uentusidade  
uigilia

#### DIMENSÃO PSICOLÓGICA

clareza [do jntendimento]  
coyta  
[espertar a] mente  
esquecimento  
[falar] per sonho  
[folgança aos sentidos] dalma  
[mao] pensamento  
[meolho da] cabeça  
[obscurenta o] entidimento  
resperacam [dos stromentos dalma]  
visões fantasticas

#### PRESCRIÇÕES

alimpar o figado  
banho  
confortar [os membros]  
demjnucam [do sangue]  
dietas  
emplastos  
leytuayro  
mezinhas  
posições artificiaes  
purga [do uentre ]  
purgar [a melancolia]

remédios  
sangria  
sotilizar os musculos  
temperança dos humores  
uomito  
vnguentos  
xarope [azedo]

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

- Afonso X, (Rei) (1981), *Lapidario* (según el manuscrito escurialense H.I.15), introd., ed., notas y vocabulário de Sagrario Rodríguez M. Montalvo.
- Afonso X, (Rei) (1863-1867), *Libros del saber de astronomia del rey D. Alfonso X de Castilla*, copilados, anotados y comentados por D. Manuel Rico y Sinobas.
- Alberto Magno (1569), *De mineralibus*. Coloniae.
- D. Duarte, (1999), *Leal Conselheiro* ed. de Helena Castro. Lisboa.
- D. Duarte (1986), *Livro de Bem Cavalgar toda a Sela*, edição de J. Piel. Lisboa.
- Horto do Esposo* (2007) ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa.
- Livro de Exopo* (1994), edição crítica de Adelino Calado, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 42: 1-100.
- Isidoro de Sevilha (2004) *Etimologias*, ed. bilingue de J. Oroz Reta e M. Marcos Casquero. Madrid.
- Orta, Garcia de (2011), *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Lisboa.
- Pereira, Duarte Pacheco (1892), *Esmeraldo de situ orbis*, ed. de Rapahel E. de Azevedo Basto. Lisboa.
- Pseudo-Aristóteles (1960), *Segredo dos segredos*, trad. portuguesa, segundo um manuscrito inédito do séc. XV [pelo Infante D. Henrique]. Lisboa.
- Rogério Bacon (1920), *Opera hactenus inedita – Secretum secretorum cum glossis et notulis*, ed. Robert Steele. London.
- Velho, Álvaro (1999), *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*, leitura crítica de José Marques. Porto.
- Zurara, Gomes Eanes de (1915), *Crónica da tomada de Ceuta por El-rei D. João I*. Lisboa.

### Estudos

- Barreto (2000), Luís Filipe. “Fundamentos da cultura portuguesa de expansão”, *Philosophica* 15: 89-115.
- Calafate (2001), Pedro. *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. II. Lisboa.
- Calafate (2000), Pedro. “Tópicos sobre a antropologia portuguesa na época dos Descobrimentos”, *Philosophica* 15: 33-45.
- Costa Avelino de Jesus da (1997), *Álbum de paleografia e diplomática portuguesas*. Coimbra.

- Dod, B. “Aristoteles latinus” (1989) in Norman Kretzmann *et alii* (eds.), *The Cambridge history of later medieval philosophy*. Cambridge, 45-79.
- Eamon, William (1994), *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. Princeton.
- Gonçalves, Joaquim C. (2000), “Da religião revelada à religião natural – pelos caminhos da razão –”, *Philosophica* 15: 5-15.
- Lagarde Georges de (1958), *La naissance de l'esprit laïque au déclin du Moyen Age*, vol. II. Paris-Louvain.
- Lopes, Paulo (2006), “Os livros de viagens medievais”, *Medievalista* [em linha]. N.º2. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista2/medievalista-viagens.htm>. [Consultado a 07.02.2013].
- Lopes, Marília dos Santos e Peter Hanenberg (2004), “A herança clássica, os descobrimentos e o humanismo alemão”, *Mathésis* 13: 291-302.
- Martins Mário (1957), “Experiência e conhecimento da Natureza no *Livro da Montaria*”, *Revista Portuguesa de Filosofia* XIII: 52-65.
- Mattoso, José (2009), “Da teoria à prática: o mundo das ideias no princípio do século XIV”, *Naquele tempo. Ensaios de História Medieval*. Lisboa.
- Nascimento, Aires do (1993), “As livrarias dos príncipes de Avis”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* vol. LXIX: 289-314.
- Pereira, Paulo A. (2005), “O homem e o unicórnio: efabulações”, *Forma Breve – Revista de Literatura* 3: 69-84.
- Schmitt, Charles (1983), *Aristotle and the Renaissance*. Cambridge.
- Silvestre (2005), J. Paulo. “Definição e uso dos termos fábula e fabuloso em textos metalinguísticos no século XVIII”, *Forma Breve – Revista de Literatura* 3: 159-167.
- Sousa, Ivo Carneiro de (1985), “A sensibilidade da literatura portuguesa dos séculos XV e XVI às matemáticas”, *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, Porto, série II, vol. 2: 133-211.
- Varandas, Angélica (2006), “A Idade Média e o bestiário”, *Medievalista* [Em linha]. N.º 2, 2006 [Consultado a 07.02.2013]. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista2/medievalista-bestiario.htm>
- Walter (2010), Philippe. “De l’image à l’imaginaire médiéval”. *Medievalista* [Em linha]. N.º13 (Janeiro - Junho 2013). Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA13/walter1303.html>. [Consultado a 07.02.2013].
- Zumthor, P. (1994), *La medida del mundo. Representación del espacio en la Edad Media*, trad. Madrid.